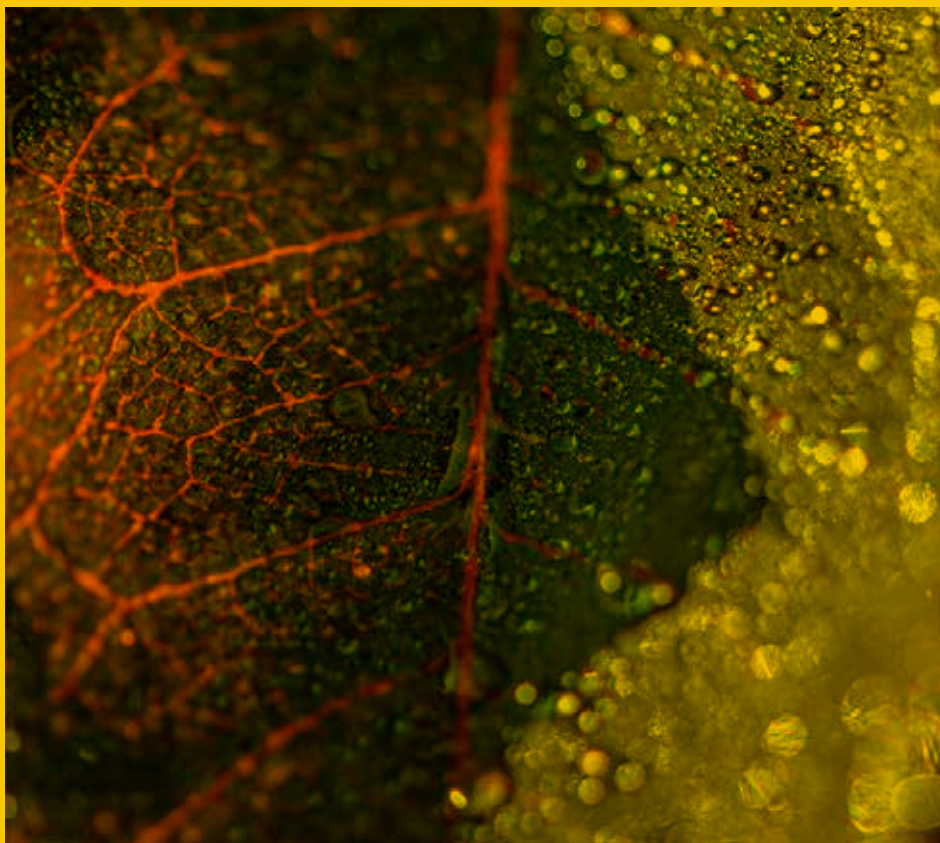


UM ANO NO PARQUE

Jorge Sarmiento



SERRAVES
PARQUE

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

A exposição *um ano no parque* é organizada pela Fundação Serralves — Parque de Serralves, com fotografia de Jorge Sarmiento e coordenação de Marta Tavares.

Conceção e desenho expositivo de Paula Lopes e Ricardo Lopes.

The exhibition *one year in the park* is organised by the Serralves Foundation— Serralves Park, with photography by Jorge Sarmiento, and coordination by Marta Tavares.

Exhibition concept and design by Paula Lopes and Ricardo Lopes.

UM ANO NO PARQUE

Jorge Sarmiento

um ano no parque é um convite à contemplação do tempo, da Natureza e da memória através da fotografia. Inspirada nas imagens e nos textos do livro homónimo, esta exposição desvenda, num silêncio íntimo, o passar das estações e a beleza subtil e imprevisível do Parque de Serralves.

O percurso expositivo assenta numa dualidade: de um lado, a presença física do livro, matéria, luz impressa, registo permanente, que se apresenta em forma de fita de Möbius, evocando o ciclo contínuo da Natureza e um tempo sem princípio nem fim. Do outro, aquilo que escapa à página e se prolonga no espaço e no tempo, a essência, as marcas, os resíduos, os reflexos e os múltiplos olhares possíveis sobre uma realidade em constante reinvenção.

A fotografia, mais do que um registo visual, é ponte entre o visível e o invisível, entre o efémero e o intemporal. O fotógrafo Jorge Sarmiento revela em cada imagem fragmentos, nuances e ligações que exprimem a Natureza na sua diversidade, singularidade e interdependência. A mostra é também uma homenagem ao Parque enquanto entidade viva e palimpsesto, guardião discreto de memórias e propósitos, testemunha da passagem do tempo.

Na exposição *um ano no parque*, procuramos reconhecer a nossa própria transitoriedade face à continuidade da Natureza. Ao percorrer o livro e

a exposição, fica o convite para (re) descobrir o Parque, inscrevendo-nos também numa história maior, aquela que este refúgio guarda para a eternidade.

SOBRE JORGE SARMENTO

Jorge Sarmiento, antropólogo e fotógrafo documental. A sua narrativa procura destacar fenómenos naturais em diferentes contextos ecológicos, etnográficos e culturais, traduzindo conexões entre o ser humano e os ecossistemas.

jorgesarmiento.com

A EXPOSIÇÃO

Esta exposição parte do livro *um ano no parque*. É sobre o livro, com o livro e para além do livro. É, também, uma exposição sobre o Parque. As suas imagens são as do livro, mas aqui ganham novo corpo, novo tempo e nova matéria. É, acima de tudo, a exposição do livro como processo e como objeto, de observação, de memória e de transfiguração.

Um ano no Parque é um registo de tempo e de espaço, de luz e de matéria, de permanência e transformação. Entre o analógico e o digital, entre o gesto de capturar e o gesto de libertar, constrói-se uma obra feita de dualidades que se interligam sem princípio nem fim.

ALPENDRE

Junto à entrada do Celeiro e Lagar da Quinta, um painel de fundo amarelo apresenta o livro e a exposição *um ano no parque*.

um ano no parque é um palco onde o tempo se desdobra em ciclos, revelando a natureza na sua cadência própria, subtil e bela. Aqui, cada estação é um ato de uma peça contínua, em que as cores, os sons e os ritmos se transformam, traçando padrões efémeros que escapariam à nossa percepção sem o olhar atento de quem os regista. O fotógrafo, paciente observador, torna-se intérprete dessa linguagem silenciosa, captando instantes que narram a renovação perpétua da vida. O florescer da primavera, o brilho do verão, o crepúsculo dourado do outono, a pausa invernal – cada imagem é um testemunho da passagem do tempo, um convite para quem visita a sentir, ainda que por um instante, o pulsar profundo do Parque. Mais do que um espaço físico, este Parque é uma narrativa viva, um arquivo de histórias que se entrelaçam, onde cada árvore, cada sombra e cada trilho guardam memórias de incontáveis seres. A fotografia, nesse contexto, é uma ponte entre dimensões: entre o visível e o invisível, o efémero e o eterno, o presente e o passado. É um ato de preservação e partilha, permitindo que olhares futuros se conectem com o que existiu, com o que palpita e se renova a cada dia. E assim, neste registo visual, talvez possamos reconhecer a nossa própria transitoriedade e, ao mesmo tempo, a permanência da natureza como entidade maior – roteiro silencioso de existências, guardiã de propósitos.

Helena Freitas, Diretora do Parque de Serralves
Somos o Universo a construir memórias.
É numa intemporalidade cósmica que se insere esta fatia do nosso presente.

um ano no parque é o resultado da interação entre realidades, a de um fotógrafo que observa e regista a natureza e a de um Parque onde os recantos são casa e história de uma infinidade de seres vivos.

Uma história sem tempo que reflete a natureza enquanto “entidade” que guia a existência e atribui propósitos. É incerto; mas talvez um dia a materialidade deste registo possa evocar a vivência, o pensar e o altruísmo de um coletivo que desenvolveu mecanismos para se conectar, sentir e dialogar com a natureza, contando à eternidade: um dia, isto existiu.

Jorge Sarmiento, fotógrafo e antropólogo

CELEIRO E LAGAR

Nas salas da exposição, Celeiro e Lagar, propõe-se um diálogo entre dois estados do mesmo objeto: o livro e o que o transcende. Por um lado, a materialidade do impresso; por outro, a abstração que dele se desprende.

Refletem-se aqui as dicotomias: existência e transgressão, luz refletida e luz projetada, permanência e efemeridade.

CELEIRO

No Celeiro, entre paredes de cor amarela, uma fita de Möbius apresenta o livro *reescrito* — páginas encadeadas em sequência, sem início nem fim, nem dentro nem fora, num percurso suspenso dobrado sobre si mesmo. A fita flutua no espaço, sustentada por fios quase invisíveis, elevando-se à altura do olhar e da atenção. Como no livro, o tempo desenrola-se imagem a imagem, memória a memória, em que o caminho se prolonga, contínuo, num ciclo onde cada regresso é também uma partida.

LAGAR

No Lagar, o livro é revelado em negativo. Chapas tipográficas, vestígios do processo de impressão, aparecem recortadas pelos contornos das páginas finais. Dispostas em quadricromia, ciano, magenta, amarelo e preto, revelam a fragmentação da imagem e sugerem aquilo que escapa à percepção humana: outras cores, outros sons, outras formas de presença. Nas paredes que ladeiam o corredor da entrada, chapas tipográficas alinhadas em múltiplas repetições, como um painel de azulejos, aludem ao *loop* infinito do processo industrial de impressão, principal responsável pela materialização do livro-objeto.

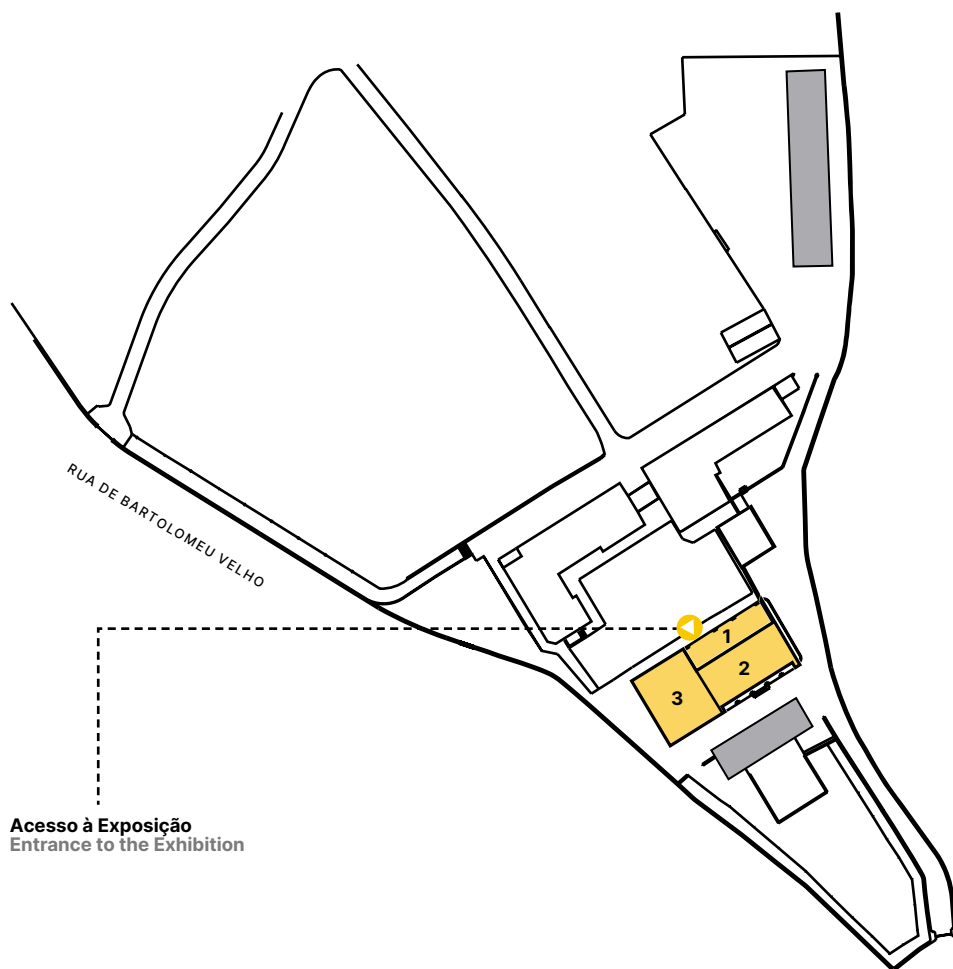
Na aparente aleatoriedade cromática do painel, esconde-se uma codificação secreta: uma sequência do material genético da *Drosophila melanogaster* (mosca da fruta), transcrita através das tintas tipográficas. Assim se insinua uma correspondência entre os códigos que sustentam a vida e aqueles que

estruturam a técnica — em ambos, a existência emerge de uma ordem que não se vê, mas estrutura o que chamamos de real.

Na área central da sala, as 366 fotografias do livro são projetadas sobre uma tela translúcida. A imagem atravessa o tecido sem se desfazer, mantendo a sua integridade ao mesmo tempo que se revela permeável ao espaço e ao tempo do visitante.

Um dos lagares acolhe mil litros de água colhida do Parque - medida simbólica que representa a quantidade estimada para a produção de um único exemplar do livro. Usando a água como meio, tela e espelho, sobre ela projetam-se fotografias de elementos aquáticos do Parque. A imagem vibra, distorce-se, transforma-se, e cada ondulação devolve o gesto criativo, mimetizando a matéria líquida que lhe deu origem. O outro lagar acolhe os resíduos do processo de produção do livro — aparas, sobras, fragmentos sem utilidade final. A estes juntam-se restos orgânicos recolhidos no Parque: folhas, ramos, matéria vegetal. Numa ilusão pragmática dos processos naturais de compostagem, o refugio torna-se matéria expositiva — onde cada vestígio carrega a memória do seu percurso.

MAPA MAP



Acesso à Exposição
Entrance to the Exhibition

- 1. Alpendre Porch
- 2. Celeiro Barn
- 3. Lagar Mill

● Exposição Exhibition

ONE YEAR IN THE PARK

Jorge Sarmiento

one year in the park is an invitation to contemplate time, Nature, and memory through photography. Inspired by the images and texts of the homonymous book, this exhibition quietly unveils the passing of the seasons and the subtle, unpredictable beauty of the Parque de Serralves.

The exhibition journey rests on a duality: on one side, the physical presence of the book, matter, printed light, a permanent record, presented in the form of a Möbius strip, evoking Nature's continuous cycle and a time without beginning or end. On the other, that which escapes the page and extends through space and time, the essence, the marks, the residues, the reflections, and the multiple perspectives possible on a reality in constant reinvention.

Photography, more than a visual record, is a bridge between the visible and the invisible, between the ephemeral and the timeless. The photographer Jorge Sarmiento reveals in each image fragments, nuances, and connections that express Nature in its diversity, singularity, and interdependence. The exhibition is also a tribute to the Park as a living and palimpsestic entity, discreet guardian of memories and purposes, witness to the passage of time.

In *one year in the park*, we seek to recognize our own transience in the face of Nature's continuity. As we journey through the book and the exhibition, there remains an invitation to (re)discover the Park, inscribing

ourselves also in a greater story, the one that this refuge quietly keeps for eternity.

ABOUT JORGE SARMENTO

Jorge Sarmiento, anthropologist and documentary photographer. His narrative seeks to highlight natural phenomena in different ecological, ethnographic, and cultural contexts, revealing connections between human beings and ecosystems.

jorgesarmiento.com

EXHIBITION

This exhibition stems from the book *a year in the park*. It is about the book, with the book, and beyond the book. It is also an exhibition about the Park. The images come from the book, yet here they acquire new form, new time, and new materiality. Above all, this is an exhibition of the book, as process and as object; as observation, memory, and transformation.

a year in the park is a record, of time and space, of light and matter, of permanence and transformation. Between analogue and digital, between the act of capturing and the act of releasing, the work is built upon dualities that interconnect without beginning or end.

PORCH

At the Porch, a yellow panel features the introductory texts from the book.

one year in the park is a stage where time unfolds into cycles, revealing the nature of its own subtle and beautiful rhythm. Here, each season is one of the acts of a continuous play, in which the colours, sounds and cadences are transformed, painting ephemeral patterns that would escape our perception were it not for the attentive gaze of those who record them. The photographer is the patient observer who interprets that silent language, capturing moments that tell us the story of the perpetual renewal of life. The flowering of spring, the brilliance of summer, the golden twilight of autumn, the winter pause — each image is a testimony to the passage of time, an invitation to visitors to sense the Park's deep pulse, if only for a brief moment. More than a physical space, this Park is a living narrative, an archive of intertwining stories, where each tree, shadow and path is replete with the memories of countless beings. In this context, photography is a bridge between the visible and the invisible, the ephemeral and the eternal, the present and the past. It is an act of preservation and sharing, enabling future gazes to connect with what once existed, with the palpitations that are renewed each day. And thus, in this visual record, we may perhaps acknowledge our own transitory condition and, at the same time, recognise the permanence of nature as a greater entity—a silent guide to the existences that surround us and the guardian of our hopes and intentions.

Helena Freitas, Director of the Serralves Park

We are the Universe building memories. This slice of our present is part of a cosmic timelessness. *one year in the park* is the result of the interaction between realities, that of a photographer who observes and records nature and that of a Park where corners are home and history to an infinity of living beings. A timeless story that reflects nature as an “entity” that guides existence and assigns purposes. It is uncertain; but perhaps one day, the materiality of this record may evoke the experience, thought and altruism of a collective that has developed mechanisms to connect, feel and dialogue with nature, telling eternity: one day, this existed.

Jorge Sarmiento, photographer
and anthropologist

BARN AND MILL

The two main exhibition rooms propose a dialogue between two states of the same object: the book and what transcends it. On one side, the materiality of print; on the other, the abstraction that emerges from it. Here, dichotomies unfold: existence and transgression, reflected light and projected light, permanence and ephemerality.

BARN

In the Barn, with yellow-painted walls, a Möbius strip presents the entirety of the book — pages connected in sequence, without marked beginning or end, in a continuous suspended loop. A strip floats through the space, held up by almost invisible threads, rising to the height of one's gaze and attention. As in the book, time unfolds image by image, memory by memory, in a path that extends continuously, in a cycle where every return is also a departure.

MILL

At the Mill, the book is revealed in negative. Printing plates, traces of the printing process, appear outlined by the contours of the final pages. Arranged in CMYK (cyan, magenta, yellow, and black), they reveal the fragmentation of the image and suggest what escapes human perception: other colors, other sounds, other forms of presence. On the walls flanking the entrance corridor, printing plates are aligned in multiple repetitions, like a tile panel, alluding to the infinite loop of the industrial printing process, the main force behind the materialization of the book-object.

Within the panel's seemingly random color pattern lies a hidden code: a sequence from the genetic material of *Drosophila melanogaster* (fruit fly), transcribed through printing inks. This subtly proposes a correspondence between the codes that sustain life and those that structure technology - in both cases, existence emerges from an unseen order that shapes what we call reality.

At the center of the room, the 366 photographs from the book are projected onto a translucent screen. The image passes through the fabric without disintegrating, maintaining its integrity while remaining permeable to the space and time of the viewer.

One of the mills contains a thousand liters of water collected from the Park - a symbolic measure representing the estimated amount needed to produce a single copy of the book. Using water as medium, screen, and mirror, photographs of aquatic elements from the Park are projected onto its surface. The image vibrates, distorts, transforms, and each ripple echoes the creative gesture, mimicking the liquid matter from which it originated. The other mill holds the waste from the book's production process — trimmings, leftovers, fragments without final use. These are joined by organic remnants collected from the Park: leaves, branches, plant matter. In a pragmatic illusion of natural composting processes, the refuse becomes exhibit material — where each trace carries the memory of its journey.

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h – 13h e 14h30 – 17h)

Minimum two-week advance booking is required.
For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 am – 1 pm and 2:30 pm – 5 pm)

Anabela Silva: a.silva@serralves.pt
Tel. (linha direta direct line): 226 156 519
Tel: 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional. Calls to the national landline network.

Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após a visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.
restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATION AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linha geral General lines:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional.
Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 [/fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

 [/fundacaoserralves](https://twitter.com/fundacaoserralves)

 [/serralves](https://www.youtube.com/serralves)

Apoio Institucional
Institutional Support

Mecenas do Parque
Sponsor of the Park

